

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A HORA DO CONTO: SEMEANDO LITERATURA E COLHENDO LEITORES

Simônica da Costa Ferreiraⁱ (PG -FCT – UNESP/CELLIJ)
Juliane Francischeti Martins Motoyamaⁱⁱ (PG -FCT – UNESP/CELLIJ)
Renata Junqueira de Souzaⁱⁱⁱ (CELLIJ/FCT – UNESP)

INTRODUÇÃO

Contar histórias não é um ato da sociedade pós-moderna. Desde os primórdios, antes mesmo da invenção da escrita, o homem já havia desenvolvido a habilidade de memorizar e narrar suas aventuras, lendas e vivências para serem transmitidas de geração a geração. Com o passar do tempo este hábito se perdeu e a sociedade passou a dar valor demasiado ao texto escrito.

Para além de trazer entretenimento às crianças, o ato de contar histórias é importante na formação oral dos sujeitos, assim como no desenvolvimento do pensamento e da imaginação. Assim, conforme afirma Marcuschi (2008) não se pode valorizar a escrita em detrimento da oralidade, portanto, o ato de contar histórias vem tomando novo fôlego e ressurgindo timidamente nas escolas e outros espaços.

Ainda nesta perspectiva de avaliar os benefícios do texto literário Vygotsky (1989) menciona que através dos jogos e brincadeiras oferecidos pelo enredo das histórias as crianças podem vivenciar experiências que as possibilitará amadurecimento sem frustrações. Os textos literários utilizados nas atividades de contação acessam o imaginário infantil trazendo novas emoções e sentimentos, de forma a contribuir para a formação do desenvolvimento cognitivo e da linguagem dos infantes.

De acordo com estudiosos da literatura como Candido (1972), Eagleton (2003) e Compagnon (2003) os textos literários trazem em seu corpus a representação da vida, atuando como formadores de identidade e auxiliando os leitores a lidarem com a diversidade, sem, no entanto, agirem como manual didático, assim é fundamental o contato das crianças com este suporte desde cedo. As atividades de contação do texto

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

literário como as desenvolvidas no CELLIJ são primordiais para a formação do cidadão autônomo.

1. A Hora do Conto no CELLIJ

O Centro de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil – “Maria Betty Coelho” (CELLIJ) tem um rico espaço que proporciona momentos de contação de histórias. Nele crianças são recepcionadas duas vezes por semana e lá encontram um ambiente decorado e acolhedor. O CELLIJ tem uma biblioteca infantil que dá oportunidade para a contação ser mais enriquecedora devido a seu acervo.

As escolas agendam os horários antecipadamente para a “Hora do Conto”, e são atendidas através de uma sequência organizada em cinco momentos: a recepção das crianças na qual são realizadas as atividades que antecedem a contação, em seguida a introdução da história, a contação com técnicas variadas como teatro de sombras, tapete ou simples narrativa. Ao término da apresentação faz-se a finalização e parte-se para atividades lúdicas de compreensão com músicas, artes ou jogos.

A metodologia de trabalho dos projetos desenvolvidos no CELLIJ consiste em planejamento mensal reunindo todos os grupos para a escolha dos livros e elaboração das atividades de leitura, das histórias, definição das técnicas de contação, as dinâmicas que se realizarão antes, durante e depois da leitura, assim como a decoração do ambiente (cenário). Tanto a “Hora do Conto” como as “Estratégias de leitura e biblioteca escolar: leitura e formação de leitores” trabalham com a mesma temática, mas com ações diversas que buscam amenizar os agravantes como a falta do contato das crianças com a literatura e de atividades adequadas com o texto literário encontrados atualmente no ensino da leitura na escola brasileira.

No ano de 2013 a procura pelos projetos do CELLIJ aumentou em torno de 50%, assim os resultados alcançados até o momento apontam que quando trabalhamos a literatura de forma lúdica, propiciamos um momento de prazer que conduz a criança a colocar em prática seu conhecimento prévio e conseqüentemente a contação deixa de ser monológica e passa a ser dialógica.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Contar histórias significa mergulhar em um mundo no qual se pode ter vivências jamais imagináveis. Na contação permitimos às crianças participarem das aventuras, viajarem e sonharem por um mundo encantado de príncipes, princesas, sapos e até assombrações, onde serão instigadas pelo gosto de “quero mais” que o literário traz. Esse ato pode ser um rico instrumento no processo de ensino-aprendizagem.

1.1 A importância da contação de histórias na formação do sujeito

O ato de contar histórias é antigo, oriundo dos primórdios humanos como uma arte da oralidade (MARCUSCHI, 2001). Entretanto, esta ação engloba muito mais que um simples ato de narrar fatos, trazendo ao ouvinte elementos culturais e tradicionais, caracterizando uma sociedade, um povo e até mesmo uma época. Este hábito de manter viva a história oral de um povo auxilia na construção da identidade do grupo.

No entanto, na atual conjuntura da situação, muitas pessoas ainda confundem o ato de contar histórias com a leitura de livros – não desmerecendo as modalidades, cada uma tem sua importância, entretanto, com diversidades significativas. De acordo com Silva (1999) a leitura é algo relacionado a língua escrita, levando a criança à absorver aspectos de uma linguagem, de certo modo formal, com um vocabulário específico para ampliação do repertório de palavras do ouvinte, preservando as funções sintáticas e semânticas da escrita.

Quanto à contação, segundo a autora, é um ato de transmitir oralmente um texto, fazendo uso dos recursos do texto oral. De acordo com Marcuschi (2001, p. 17) o texto oral possui diversas características específicas que o diferem do escrito, assim o contador, ao transmitir seu texto através da técnica da oralidade torna-se capaz de “reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos”, o que trará novos significados e sentidos ao texto.

Considerando o papel do contador no transcórre da narrativa, segundo Silva (1999, p.12) é transformar a história “enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas das crianças”. Assim, independente da técnica escolhida, ou do caminho que o

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

educador escolher, a narrativa tem que estar a serviço das necessidades de desenvolvimento dos ouvintes.

No entanto, engana-se quem afirma que na contação só se faz uso da oralidade. Coelho (1999) postula que, todos os indivíduos que fazem uso da narração, também podem usar o livro como suporte. Assim, um livro durante a contação, pode servir para direcionar a leitura das crianças sobre o texto, apoiar com ilustrações e servir de estímulo a leitura, visto que, eles ouvirem a história e poderão voltar ao suporte físico para terem um novo encontro com o enredo.

Segundo relata Abramovich (1993), o ato de contar histórias pode ser direcionado ao lazer, mas sua importância cognitiva ultrapassa a distração. A partir da vivência com o texto literário a criança pode enriquecer suas experiências, ampliar seu pensamento e linguagem e desenvolver o imaginário.

Silva (1999) ao trazer suas experiências enquanto contadora de histórias menciona que o ato de ouvir histórias auxiliam no desenvolvimento cognitivo, estimula o pensamento e proporciona experiências relevantes para a formação infantil de acordo com a composição do enredo. O contar histórias abrange uma colossal área no que diz respeito ao desenvolvimento da imaginação da criança. Através da oferta do texto literário permitimos aos infantes ensaiar seu papel na sociedade, ter idéias, se expressar, empregar a criatividade, expor sentimentos.

A literatura encanta, fascina e amplia a experiência de vida. Assim é dever dos educadores e contadores de histórias permitir à criança o contato com as histórias, seja por meio da oralidade ou mesmo pelo texto escrito. Se no passado a literatura oral era tratada como algo menor, secundário, hoje percebemos o peso que ela tem no processo de ensino-aprendizagem da criança.

Comprovada a importância do texto literário na formação da criança, é importante se ter cuidado na escolha dos textos literários a serem transmitidos, observando sua estética e literariedade. Coelho (1993) e Silva (1999) traz a baila o necessário amoldamento dos textos às várias fases do desenvolvimento infantil, portanto antes de contar uma história é preciso pensar na faixa-etária que será abrangida e buscar textos que dialoguem com as necessidades infantis.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

2. A contação de histórias e a literatura infantil: relato de experiência

Após o nascimento o ser humano é exposto a uma gama de linguagens e começa a desenvolver desde os primeiros anos de vida a oralidade. Neste sentido não se pode negar a importância do texto oral na formação dos indivíduos. Considerando a sociedade, a narrativa oral também ocupa uma função de destaque. A identidade, a cultura e a história de um povo estão gravados nos textos orais que foram criados desde a Antiguidade e transmitidos até a atualidade.

Portanto a arte de contar histórias não é uma invenção do homem do século XXI, mas uma tradição humana que vem sendo transmitida e modificada a gerações. Atualmente esta arte tem sido revertida para auxiliar na formação inicial das crianças, colaborando no desenvolvimento cognitivo infantil (BUSSATO, 2007).

Como nas séries iniciais as crianças ainda não dominam a tecnologia da escrita o primeiro contato que estas têm com o texto literário é a partir da contação de um adulto, posteriormente, quando adquirem a capacidade de ler os infantes passam a procurar nos livros as histórias que já conhecem da oralidade. A contação de histórias, portanto, pode atuar como um incentivo à leitura.

Acreditando nesta função importante do texto literário na formação do sujeito leitor e contador de histórias, o CELLIJ investe em diversas atividades de contação de histórias. Para a realização das contações escolhe-se um tema, buscam-se histórias em livros ou mesmo da tradição oral popular, planeja-se quais técnicas melhor se adequam ao texto selecionado e decora-se um espaço especial onde se recebe as crianças visitantes.

No mês de abril de 2013 o tema foi “Os Clássicos”, assim, foram selecionados para a Educação Infantil o conto de fadas *O príncipe sapo* (2003) e para o Ensino Fundamental *Rumpelstiltskin* (2003) ambos dos Irmãos Grimm. É importante ressaltar que embora na atualidade esses contos tenham sido registrados pela escrita, são parte da tradição oral do povo alemão recolhidos e registrados pelos Grimm.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A recepção das crianças foi realizada do lado de fora da sala na qual seria realizada a contação, onde os alunos foram informados que iriam adentrar em um lugar muito especial, um universo mágico. Assim, iniciou-se a dramatização com o “pó de pirlimpimpim”. Esta etapa inicial que foi realizada denomina-se, segundo Matos e Sorsy (2007) *aquecimento* e serve para inserir a criança no universo mágico das histórias.

Após o *aquecimento* as crianças eram convidadas a entrarem na sala e observarem as “janelas” que faziam parte do cenário com personagens das histórias que iriam ser contadas e, assim os alunos tentavam adivinhar qual história seria. Já preparados para o universo de magia dos contos, ao verem as “janelas” as crianças se intusiasmavam e deixavam fluir a fantasia relacionando as imagens que viam as histórias já conhecidas.

A *introdução* da história (MATOS E SORSY, 2007), ou seja, o momento em que as crianças são chamadas a se sentar e percebem que a história iria começar através de uma frase de impacto ocorria geralmente permeado pelo famoso “Era uma vez” – clássico nos contos de fadas. No entanto, quando mudamos a temática também alteramos a frase da *introdução*.

Finalmente dá-se início a narração dos fatos, no mês citado foi feita a opção pela técnica da simples narrativa (SILVA, 1999), no entanto, essa opção é feita de acordo com o ritmo da história, sendo que, em outros meses, com textos diferentes utilizamos outras técnicas.

Após o término da história, ocorreu a *finalização* (MATOS E SORSY, 2007) para marcar o fim da narrativa aos ouvintes com frases de impacto como: “Esta história entrou por uma porta e saiu pela outra e quem souber que conte outra...”. Então, as crianças passavam para a realização da atividade que é o momento de fixação da história.

Ao terminarem as atividades de contação, as crianças eram convidadas a visitar a Biblioteca Infantil de Prudente (BIP) onde podiam explorar tanto o ambiente quanto as obras. A bibliotecária apresenta o espaço e diversos títulos, deixando as crianças a vontade para realizarem leituras. Antes de voltarem para suas escolas os alunos recebiam uma carteirinha que os permitia retirar livros da BIP para leitura em casa.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Considerando o riquíssimo acervo da biblioteca do CELLIJ, não se poderia deixar as crianças sem o contato com a gama de títulos oferecidos. Após este momento de apresentação e exploração da biblioteca, todos os envolvidos na contação se despediam das crianças e as convidavam para retornar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma a arte de contar histórias possibilita um rico crescimento no processo de ensino-aprendizagem. Contar histórias proporciona novas cosmovisões, bem como entrosamento entre o locutor com o interlocutor. Sendo assim, a contação é uma atividade expressivamente dialógica. A partir da vivência literária o infante é impulsionado a transpor barreiras e mesmices da leitura monológica.

Elucidar pessoas para novas expectativas a partir da contação é, indubitavelmente dialogar ao invés de monologar. A partir da observação das atividades de contação desenvolvidas no CELLIJ, é possível compreender o quanto as crianças estão carentes de histórias orais, pois demonstram um grande entusiasmo com o espaço e com as narrativas que ouvem ecoando a importância do contar histórias.

Os números demonstram um crescimento circunstancial na procura por escolas para as atividades de contação, sendo que, em 2013 em menos de um mês a agenda anual da ação “Hora do Conto” estava completamente preenchida. Esta procura que cresce a cada ano comprova a importância do trabalho desenvolvido pelos integrantes do grupo para a formação literária das crianças e uma expansão na visão dos educadores que começam a compreender a função da contação para a formação de seus educandos e ofertam essas atividades a eles.

Quanto à BIP, muito embora tenha crescido em menor proporção, este ano também registrou aumento na procura por usuários infantis. No entanto, o dado que mais chama a atenção é a procura por professores que retiram os livros e levam para a sala de aula para contar ou ler histórias aos alunos que não têm a oportunidade de visitar o espaço do CELLIJ. Assim, ano a ano o Centro de Estudos em Leitura e Literatura

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Infantil e Juvenil e seus integrantes têm desenvolvido sua função social de disseminar a boa literatura a todos seja por via oral ou escrita.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.

CANDIDO A. **A literatura e a formação do homem**. In *Ciência e Cultura*. São Paulo, v 24,n9 ,p 803-809, setembro de 1972.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 1993.

COMPAGNON, Antonie. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 3ª reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Trad. J. L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SILVA, M. B. C. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Atica, 1999.

ⁱ Mestranda em Educação pela Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP – Brasil.
E-mail: simonicaef@gmail.com

ⁱⁱ Graduanda em Letras pela Faculdade de Presidente Prudente e Mestranda em Educação pela Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP – Brasil.
E-mail: julianefmtoyama@gmail.com

ⁱⁱⁱ Livre Docente da Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP – Brasil.
E-mail: recellij@gmail.com